

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

AGOSTO DE 1863

Nº 8

Jean Reynaud e os Precursores do Espiritismo

Chegou nossa vez de lançar algumas flores sobre o túmulo, recentemente fechado, de um homem tão recomendável por seu saber quanto por suas eminentes qualidades morais, e ao qual – coisa rara – todos os partidos concordam em fazer justiça.

Jean Reynaud nasceu em Lyon em fevereiro de 1808 e morreu em Paris no dia 28 de junho de 1863. Não poderíamos dar uma idéia mais justa de seu caráter do que reproduzindo o breve necrológio que seu amigo, o Sr. Ernesto Legouvé, publicou no *Siècle* de 30 de junho de 1863.

“A democracia, a filosofia e, não temo dizer, a religião, acabam de sofrer uma imensa perda: Jean Reynaud morreu ontem, depois de uma curta moléstia. De qualquer ponto de vista que se julguem as suas doutrinas, sua obra, como sua vida, foi eminentemente religiosa; porque sua vida, como sua obra, foi um dos protestos mais eloqüentes contra o grande flagelo que nos

ameaça: o ceticismo sob todas as formas. Ninguém acreditou mais energicamente na personalidade divina, ninguém creu mais fortemente na personalidade humana, ninguém amou mais ardentemente a liberdade. O seu livro *Terra e Céu*, que desde o início abriu um sulco tão profundo, e cujo rastro irá marcando cada vez mais, respira tal sentimento do infinito, tal sentimento da presença divina, que se pode dizer que Deus palpita em cada uma de suas páginas! E como poderia ser de outro modo, quando aquele que as escreveu vivia sempre em presença de Deus! Bem o sabemos, todos nós que o conhecemos e amamos, e cujo mais belo título de honra é termos sido amados por tal homem. Era uma fonte de vida moral sempre a jorrar; não se podia aproximar dele sem se firmar melhor no bem; só a sua fisionomia era uma lição de honestidade, de honra, de devotamento; as almas pecadoras se perturbavam ante aquele claro olhar, como se estivessem diante do próprio olho da justiça. E tudo isto partiu! Partiu em plena força, quando tantas palavras úteis, tão grandes exemplos ainda podiam sair daquela boca, daquele coração!... Não choramos Reunaud apenas por nós; nós o choramos por nosso país inteiro.”

É. Legouvé

No mesmo jornal de 16 de julho, o Sr. Henri Martin deu detalhes mais circunstanciados sobre a vida e a obra de Jean Reynaud. Diz ele: “Educado na liberdade do campo por uma mãe de alma forte e terna, foi aí que adquiriu esses hábitos de intimidade com a Natureza, que jamais o deixaram, e desenvolveu esses órgãos robustos, com os quais, mais tarde, fazia vinte léguas de um fôlego e passava de geleira em geleira, de uma crista a outra dos Alpes, por estreitos precipícios onde não se aventuram os caçadores de cabrito montês. Seus estudos foram rápidos e fecundos. Manifestando desde a juventude o mais vivo gosto pelas letras e por todas as formas do belo, a princípio voltou as vistas para as ciências, feliz direção que lhe devia fornecer os alimentos e os instrumentos de seu pensamento e fazer do sábio o servidor útil do filósofo. Saído

na primeira fila da Escola Politécnica, era engenheiro de minas na Córsega quando eclodiu a revolução de julho. Voltou a Paris; ali o saint-simonismo acabava de prorromper; foi envolvido nesse grande e singular movimento, que então arrebatava tantas inteligências jovens, pela atração do dogma da perfectibilidade do gênero humano. Entretanto, a escola pretendeu tornar-se uma *igreja*. Jean Reynaud não a acompanhou, deixando o saint-simonismo pela democracia. Tratou de reconstituir um grupo e um centro de ação intelectual com os amigos que, como ele, da escola se haviam afastado. Pierre Leroux, Carnot e ele retomaram das mãos de Julien (de Paris) a *Revue Encyclopédique*; foi aí que Pierre Leroux publicou seu notável *Essai sur la doctrine du progrès continu* e Jean Reynaud o trecho tão admirável de *Infinité des cieux*, germe de seu grande livro *Terre et Ciel*. Em seguida, com Pierre Leroux, fundou a *Encyclopédie Nouvelle*, obra imensa, que ficou inacabada. O 24 de fevereiro arrancou o filósofo de seus pacíficos trabalhos para o lançar na política ativa. Presidente da comissão de altos estudos científicos e literários, depois Subsecretário de Estado no Ministério da Instrução Pública, elaborou com o ministro Carnot, um de seus mais antigos e mais constantes amigos, planos destinados a pôr a instrução pública no nível das instituições democráticas. Transferido da Instrução Pública para o Conselho de Estado, Jean Reynaud aí granjeou rapidamente uma autoridade que procedia tanto de seu caráter quanto de suas luzes e, por mais curta que tivesse sido a sua passagem no referido Conselho, deixou na memória dos homens mais eminentes uma impressão indelével.”

De todos os escritos de Jean Reynaud o que mais contribuiu para a sua popularidade foi, incontestavelmente, seu livro *Terre et Ciel*, embora a forma abstrata da linguagem não o ponha ao alcance de todos; mas a profundidade das idéias e a lógica das deduções o fizeram apreciado por todos os pensadores sérios e colocaram o autor na primeira fila dos filósofos espiritualistas. Essa obra pareceu à Igreja um perigo para a ortodoxia da fé; em consequência foi condenada e posta no Index pela cúria de Roma,

o que aumentou ainda mais o crédito de que já desfrutava e a tornou procurada com mais avidez. Na época em que a obra apareceu, cerca de 1840, ainda não se cogitava dos Espíritos; entretanto, Jean Reynaud parece ter tido, como, aliás, muitos outros escritores modernos, a intuição e o pressentimento do Espiritismo, do qual foi um dos mais eloqüentes precursores. Como Charles Fourier, ele admite o progresso infinito da alma e, como conseqüência de tal progresso, a necessidade da pluralidade das existências, demonstrada pelos diversos estados do homem na Terra.

Jean Reynaud nada tinha visto; colhera tudo de sua profunda intuição. O Espiritismo viu o que o filósofo apenas pressentira; desse modo, acrescentou a sanção da experiência à teoria puramente especulativa e, naturalmente, a experiência o levou a descobrir detalhes que a só a imaginação não podia entrever, mas que vêm completar e corroborar os pontos fundamentais. Como todas as grandes idéias que revolucionaram o mundo, o Espiritismo não despontou de súbito; germinou em mais de um cérebro, mostrou-se aqui e ali, pouco a pouco, como que para habituar os homens à idéia. Uma brusca aparição completa teria encontrado uma resistência muita viva: teria deslumbrado sem convencer. Aliás, cada coisa deve vir a seu tempo e toda planta deve germinar e crescer, antes de atingir seu completo desenvolvimento. Na política acontece a mesma coisa: não há revolução que não tenha sido demoradamente elaborada; e quem quer que, guiado pela experiência e pelo estudo do passado, siga atentamente essas preliminares, pode, quase infalivelmente e sem ser profeta, prever-lhe o desenlace. Foi assim que os princípios do Espiritismo moderno se mostraram parcialmente e sob diversas faces em várias épocas: no século passado, com Swedenborg; no começo deste século, na doutrina dos teósofos, que admitiam claramente as comunicações entre o mundo visível e o invisível; com Charles Fourier, que admite o progresso da alma pela reencarnação; com Jean Reynaud, que aceita o mesmo princípio, sondando o infinito,

com a Ciência à mão. Há cerca de doze anos, nas manifestações americanas, que tiveram tão grande repercussão e vieram provar as relações materiais entre mortos e vivos e, finalmente, na filosofia espírita que, reunindo esses diversos elementos em um corpo de doutrina, lhes deduziu as conseqüências morais. Quem diria, quando se ocupavam das mesas girantes, que desse entretenimento sairia toda uma filosofia? Quando esta filosofia apareceu, quem teria dito que em poucos anos ela daria a volta ao mundo e conquistaria milhões de aderentes? Hoje, quem poderia afirmar que ela disse a última palavra? Por certo que não o disse, porquanto, embora as bases fundamentais já estejam estabelecidas, ainda há muitos detalhes a elucidar e que virão a seu tempo. Depois, quanto mais se avança, mais se vê quanto são múltiplos os interesses que dizem respeito a todas as questões de ordem social. Assim, só o futuro pode desenvolver todas as suas conseqüências, ou, melhor dizendo, essas conseqüências se desenvolverão por si mesmas, pela força das coisas, porque no Espiritismo se encontra o que inutilmente se buscou alhures. Por isto mesmo seremos levados a reconhecer que só ele pode encher o vazio moral que se faz diariamente em torno do homem, vazio que ameaça a própria sociedade na sua base e que já começa a aterrorizar. Num dado momento o Espiritismo será a âncora de salvação. Mas não era preciso esperar esse momento para atirar a corda, assim como não se espera a época da colheita para semear. Em sua sabedoria, a Providência prepara as coisas devagar. Eis por que a idéia matriz tem tido, como dissemos, numerosos precursores que abriram caminho e prepararam o terreno para receber a semente, uns num sentido, outros, noutro, e um dia se reconhecerá por quais numerosos fios todas essas idéias parciais se ligam à idéia fundamental. Ora, como cada uma dessas idéias tem seus partidários, resulta em alguns uma predisposição muito natural para aceitar o complemento da idéia, pois cada uma dessas teorias preparou uma porção do terreno. Incontestavelmente, aí está uma das causas desta propagação, que toca as raias do prodígio e da qual a história das doutrinas filosóficas não oferece nenhum exemplo.

Os adversários já se espantam com a resistência que ele apresenta aos seus ataques. Mais tarde terão de ceder ante a força da opinião.

Entre os precursores do Espiritismo deve-se ainda colocar uma porção de escritores contemporâneos, cujas obras estão semeadas, talvez sem que disso tenham consciência, de idéias espíritas. Volumes e mais volumes teriam de ser escritos, se se quisesse recolher as inúmeras passagens em que se faz alusão mais ou menos direta à preexistência e a sobrevivência da alma, à sua presença entre os vivos, às suas manifestações, às suas peregrinações através de mundos progressivos, à pluralidade das existências, etc. Admitindo que tudo isto não seja, da parte de certos autores, senão um jogo de imaginação, nem por isso deixa a idéia de infiltrar-se menos no espírito das massas, onde fica latente até o momento em que será demonstrada como verdade. Haverá um pensamento mais espírita que o que se encerra na carta do Sr. Victor Hugo, sobre a morte da Sra. Lamartine, aclamada com entusiasmo pela maioria dos jornais, mesmo os que mais criticam a crença nos Espíritos? Eis a carta, que diz muito em poucas linhas:

“Hauteville-House, 23 de maio.

“Caro Lamartine,

“Uma grande desgraça vos atinge. Necessito pôr meu coração junto do vosso. Eu venerava aquela que amáveis. Vosso alto Espírito vê além do horizonte; percebeis distintamente a vida futura.

“Não é a vós que se precisa dizer: Esperai. Sois daqueles que sabem e esperam.

“Ela é sempre vossa companheira, invisível, *mas presente*. Perdestes a esposa, mas não a alma. Caro amigo, vivamos nos mortos.”

Victor Hugo

Não são apenas os escritores isolados que semeiam, aqui e ali, algumas idéias; é a própria Ciência que vem preparar os caminhos. O magnetismo foi o primeiro passo para o conhecimento da ação perispiritual, fonte de todos os fenômenos espíritas; o sonambulismo foi a primeira manifestação do isolamento da alma. A frenologia provou que o organismo cerebral é um teclado a serviço do princípio para a expressão de diversas faculdades; contrariamente à intenção de Gall, seu fundador, que era materialista, ela serviu para provar a independência do Espírito e da matéria. A homeopatia, provando o poder da ação da matéria espiritualizada, liga-se ao papel importante que representa o perispírito em certas afecções; ataca o mal em sua própria fonte, que está fora do organismo, cuja alteração é apenas consecutiva. Tal a razão pela qual a homeopatia triunfa numa imensidade de casos em que fracassa a medicina ordinária: mais que esta, ela leva em conta o elemento espiritualista, tão preponderante na economia, o que explica a facilidade com a qual os médicos homeopatas aceitam o Espiritismo e por que a maioria dos médicos espíritas pertence à escola de Hahnemann. Finalmente, até as recentes descobertas sobre as propriedades da electricidade, não há quem não tenha vindo trazer seu contingente na questão que nos ocupa, lançando a sua quota de luz sobre o que se poderia chamar a fisiologia dos Espíritos.

Não mais terminaríamos se quiséssemos analisar todas as circunstâncias, pequenas ou grandes, que de um século para cá vieram abrir a rota da filosofia nova. Veríamos as mais contraditórias doutrinas provocarem o desenvolvimento da idéia, os próprios acontecimentos políticos prepararem sua introdução na vida prática. Mas, de todas as causas, a mais preponderante é a Igreja, que parece predestinada fatalmente a impulsioná-lo.

Tudo lhe vem em auxílio; e se se conhecesse a inumerável quantidade de documentos que nos chegam de toda parte; se, como nós, se pudesse acompanhar essa marcha

providencial através do mundo, favorecida pelos acontecimentos menos esperados e que, à primeira vista, lhe pareceriam contrários, compreender-se-ia melhor ainda o quanto ela é irresistível e se surpreenderiam menos de nossa impassibilidade. É que vemos todos trabalhando para isso, por bem ou por mal, voluntária ou involuntariamente; é que vemos o objetivo e sabemos quando e como será alcançado; vemos o conjunto que avança, razão por que quase não nos inquietamos com algumas individualidades que marcham na contramão.

Por seus escritos Jean Reynaud foi, pois, um precursor do Espiritismo; também tinha sua missão providencial e devia abrir um sulco. Ser-lhe-ia útil depois da morte. Um eminente Espírito assim apreciou o acontecimento:

“Mais uma circunstância que vai redundar em benefício do Espiritismo. Jean Reynaud tinha feito o que devia fazer nesta última existência. Não falar de sua morte, de sua vida e, mais que nunca, de suas obras. Ora, falar de suas obras é por o pé na rota do Espiritismo. Muitas inteligências aprenderão nossa crença estudando esse filósofo que conquistou autoridade. Farão comparações e verão que não sois tão loucos como pretendem os que riem de vós e da vossa fé. Crede-me que tudo quanto Deus faz é bem feito. Ele será louvado por vossos próprios detratores, e sabeis que são estes que, sem o querer, trabalham mais para vos conseguir adeptos. Deixai agir, deixai gritar: tudo será conforme a vontade de Deus. Mais um pouco de paciência e a elite dos homens de inteligência e de saber se unirá a vós; e, diante de certas adesões ostensivas, a crítica terá de baixar a voz.”

Santo Agostinho

Nota – Ver adiante, nas dissertações, algumas comunicações de Jean Reynaud.

Pensamentos Espíritas em Vários Escritores

Extrato da *Viagem ao Oriente*, do Sr. de Lamartine

“Oh! digo-lhe eu, isto é uma outra questão. Ninguém mais do que eu geme e sofre do gemido universal da Natureza, dos homens e das sociedades. Ninguém confessa mais alto os enormes abusos sociais, políticos e religiosos. Ninguém deseja e espera mais uma reparação a esses males intoleráveis da Humanidade. Ninguém está mais convencido que esse reparador não pode ser senão divino! Se a isso chamais esperar um messias, eu o espero como vós e mais que vós suspiro por seu próximo aparecimento; como vós e mais que vós, vejo nas crenças abaladas do homem, no tumulto de suas idéias, na vida de seu coração, na depravação de seu estado social, nos repetidos abalos de suas instituições políticas, todos os sintomas de uma perturbação e, por conseguinte, de uma renovação próxima e iminente. Creio que Deus sempre se mostra no momento preciso, em que tudo quanto é humano é insuficiente, em que o homem confessa nada poder por si mesmo. O mundo está nisto. Creio, pois, num messias; não vejo o Cristo, que nada mais tem a nos dar em sabedoria, em virtude e em verdade; vejo aquele que o Cristo anunciou que viria após ele: este Espírito Santo sempre diligente, sempre assistindo o homem, sempre a lhe revelar, conforme os tempos e as necessidades, o que deve fazer e saber. Que este Espírito Divino se encarne num homem ou numa doutrina, num fato ou numa idéia, pouco importa, é sempre ele, homem ou doutrina, fato ou idéia. Creio nele, espero nele, aguardo a sua vinda e mais que vós, senhora, eu o invoco! Vedes, pois, que nos podemos entender e que nossas estrelas não são tão divergentes quanto esta conversa pôde vo-lo fazer pensar.” (1^o vol., página 176).

“A imaginação do homem é mais verdadeira do que se pensa; nem sempre se edifica com os sonhos, procedendo por

assimilações instintivas de coisas e imagens, que lhe dão resultados mais seguros e mais evidentes que a Ciência e a lógica. Exceto os vales do Líbano, as ruínas de Balbek, as margens do Bósforo em Constantinopla, e o primeiro aspecto de Damasco, do alto do Anti-Líbano, jamais encontrei um lugar, alguma coisa cuja primeira vista fosse para mim como uma lembrança!

“Vivemos duas vezes ou mil vezes? Nossa memória não será um espelho embaciado que o sopro de Deus pode limpar? ou temos em nossa imaginação o poder de pressentir e ver, antes que vejamos realmente? Questões insolúveis! (1º vol., página 327).

Observação – Em nosso artigo precedente sobre os precursores do Espiritismo, dissemos que se acham em muitos autores elementos esparsos desta doutrina. Os trechos acima são muito claros, para que haja necessidade de ressaltá-los.

Pelo fato de homens, como o Sr. Lamartine e outros, emitirem idéias espíritas em seus escritos, segue-se que adotem abertamente o Espiritismo? Não; na maior parte não o estudaram ou, se o fizeram, não ousam ligar seus nomes, tão conhecidos, a uma nova bandeira. Aliás, sua convicção é apenas parcial e, para eles, muitas vezes a idéia não passa de um relâmpago, originária de uma intuição vaga não formulada, não trabalhada em seu espírito; podem, pois, recuar ante um conjunto, do qual certas partes podem ofuscá-los e, mesmo, aterrorizá-los. Para nós não é menos o indício do pressentimento da idéia geral, que germina parcialmente nos cérebros de escol, e isto basta para provar a certos adversários que essas idéias não são assim tão desprovidas de senso quanto pretendem, já que partilhadas pelos mesmos homens cuja superioridade reconhecem. Reunindo e coordenando as idéias parciais de cada um, chegar-se-ia certamente a constituir a Doutrina Espírita completa, conforme os homens mais eminentes e mais acreditados.

Agradecemos ao nosso assinante de Joinville, que teve a gentileza de nos transmitir as duas passagens supracitadas, e seremos sempre muito reconhecidos às pessoas que, como ele, nos comunicarem o fruto de suas leituras.

Nota – Aproveitamos a ocasião para agradecer à pessoa que nos remeteu uma brochura, intitulada: *Dissertações sobre o dilúvio*. Como não se fez acompanhar de carta, não podemos agradecer diretamente. Uma olhadela na brochura nos convenceu de que o sistema muito original do autor está em contradição com os dados mais vulgares e mais positivos da ciência geológica que, digam o que disserem, têm o seu valor. Assim, seria fácil refutar a sua teoria por meio de observações, ao menos tão rigorosas quanto as suas.

Destino do Homem nos Dois Mundos

Por Hippolyte Renaud, antigo aluno da Escola Politécnica²⁹

A *Presse* de 27 de julho de 1862 fez a apreciação crítica da obra acima indicada. Ela se prende de maneira muito direta à Doutrina Espírita, de modo que nossos leitores nos agradecerão por reproduzi-la. Nós mesmos poderíamos ter feito a análise da obra, mas preferimos a de uma pessoa desinteressada na questão. Limitar-nos-emos a fazê-la seguir de algumas considerações. Diz o redator:

“Que de mais atraente para o espírito e mais refrescante para alma do que encontrar, na hora presente, um homem de fé sincera, verdadeira e profunda, um homem que crê e, no entanto, raciocina, e raciocina sem preconceitos, para buscar a verdade à luz de sua consciência? Tal é o Sr. Renaud. Nele as matemáticas e a Ciência não aniquilaram o sentimento nem turbaram as forças misteriosas que nos ligam ao infinito pela fé. O Sr. Renaud é um crente firme, convicto, mesmo um excelente cristão, se, aliás, existe um mau católico, do que não se defende; ao contrário.

²⁹ 1 vol. in-18. Preço: 2 fr.; Ledoyen; Palais-Royal. Não confundir com Jean Reynaud.

Sua razão esclarecida, não menos que seu coração afetuoso, lhe faz repelir para bem longe a idéia de um Deus vingador, ciumento e colérico, de um Deus que teria escolhido a cólera para ligar a criatura ao seu autor, um Deus que pune o filho pela falta do pai, coisa iníqua aos olhos da justiça humana.

O Deus do Sr. Renaud é um Deus de luz e de amor. A harmonia de sua obra infinita manifesta sua onipotência e sua bondade. O homem não é sua vítima, mas seu colaborador numa parte mínima, mas ainda gloriosa e proporcional às suas forças. Por que, então, o mal e como o explicar? O mal não vem de uma queda primitiva, que teria mudado todas as condições da vida humana; tem por causa o não cumprimento da lei de Deus e a desobediência do homem, fazendo mau uso do livre-arbítrio. Teríamos achado mais claro que o Sr. Renaud tivesse dito simplesmente que o homem começa pelo instinto, que só gradualmente pode desenvolver seus sentimentos superiores e sua inteligência. O homem-espécie, como todos os seres vivos, não pode de repente apoderar-se da plenitude de seu ser. Percorre evoluções sucessivas e normais. Sua infância social é caracterizada pelo domínio dos instintos; daí sua ignorância, sua miséria e sua brutalidade. À medida que se eleva na vida, pouco a pouco se desprende do limo dos primeiros anos. Cresce a inteligência, os sentimentos ganham força, começa a humanizar-se. Quanto mais o homem compreende, tanto mais se liga à lei, mais se torna religioso, concorrendo, de sua parte, para a harmonia geral. O sofrimento é uma advertência, um estimulante para se livrar do mal, para se retirar da sombra e marchar para a luz. Quanto mais progride, mais horror tem ao mundo do instinto, da luta, da violência e da guerra; quanto mais vê e compreende, melhor aspira ao mundo da paz e da ordem, ao império da razão, ao reino dos sentimentos elevados, que são a dignidade e a marca sagrada de sua espécie.

Daí resulta que, graças à Ciência, à indústria, ao incessante progresso da sociabilidade, o gênero humano tende a

constituir-se como o rei, ou, se se preferir um termo menos ambicioso, como o gerente de seu globo. Mas depois, e admitindo por um momento esta hipótese que, a bem dizer, parece tornar-se mais certa cada dia, não restará sempre por satisfazer esse desejo insaciado do homem, que não pode parar e limitar-se ao presente, por mais magnífico que seja?

Que me importa, afinal, vossa felicidade material e terrestre, se me deixa a alma vazia e alterada? A gente se sente tomada de um supremo tédio e de um grande desgosto, em presença de tal felicidade, que dura tão pouco.

Isto é verdade, responde o Sr. Renaud, e é aqui que ele triunfa. Iluminado pela Ciência, sua fé robusta nos destinos eternos do homem lhe mostra todo um futuro infinito de atividade consciente e de alegrias paradisíacas.

Ao primeiro despertar do pensamento, aos primeiros sobressaltos da alma, o homem eleva o olhar ao céu, interroga suas profundezas infinitas e busca qual pode ser o seu vínculo com o Universo que entrevê. Essa existência terrestre, tão curta e, muitas vezes, tão triste, não lhe basta. Sente que participa do infinito e, a todo preço, nele quer encontrar lugar. O homem tem horror ao nada, como a Natureza tem horror pelo vazio. Em vez de ficar sem ideal, ele se lançará desvairado em suas crenças mais estranhas. Daí tantas concepções paradisíacas mais ou menos loucas, mas que atestam essa necessidade absoluta e fundamental de se sentir ligado ao infinito, certo da imortalidade.

Conhece-se o paraíso dos budistas, os Campos Elíseos dos gregos, o paraíso dos selvagens, com suas florestas e prados abundantes em caça, o paraíso de Maomé, com suas delícias materiais e suas huris imaculadas. O paraíso católico, que coloca a Humanidade num estado de beatitude contemplativa infinita, é uma concepção em relação com as épocas cruéis, em que o

trabalho é punição e castigo, em que o sofrimento geral é tal que a resignação neste mundo e o repouso no outro puderam parecer a soberana sabedoria e o mais elevado ideal. Mas, sem sombra de dúvida, esta hipótese é inteiramente contraditória com as noções mais simples e mais claras da existência. Viver é ser; ser é agir com todas as forças de suas faculdades e de sua energia vital. Viver é aspirar e transformar-se incessantemente.

A metempsicose de Pitágoras, embora respeitando a idéia de atividade, é incompleta, por limitar a transformação a passagens nos organismos que vivem na face da Terra e não levar em conta a lei do progresso ascendente, que governa todas as coisas.

Segundo o Sr. Renaud, só há uma maneira racional de encarar esta questão da imortalidade. Para começar, o autor repele a concepção de que, após uma estação no mundo visível, lugar de provação, colocaria o homem no mundo invisível, o paraíso, no estado de beato contemplativo e mais que desinteressado de seus semelhantes e de sua obra terrestre. Que eleitos e que vivos senão esses seres despojados de todo desejo e de toda aspiração, de toda atividade fecunda, de todo interesse por seu passado e seus semelhantes, pelo Universo infinito, onde trabalharam, sentiram e pensaram!...

O Sr. Renaud repele igualmente esta hipótese de uma série indefinida de existências, quer na Terra, quer em outros globos. Esse gênero de imortalidade já possui uma grande vantagem sobre a primeira concepção, pois abre um campo indefinido à atividade humana. Os Srs. Jean Reynaud, Pierre Leroux, Henri Martin, Lamennais, abraçam mais ou menos esta idéia. Mas há um ponto capital que a destrói pela base: é a ausência da memória. De que me adianta uma imortalidade da qual não tenho consciência e que só Deus conhece? Para que minha imortalidade seja real, preciso é que, numa vida diferente da minha

vida atual, eu guarde a lembrança de minhas existências anteriores e tenha consciência da continuidade e da identidade de meu ser. Só assim sou verdadeiramente imortal, participando do infinito e consciente de meu papel no Universo. Não conhecemos nosso ser senão por suas manifestações; sua essência virtual nos escapa. Em que, pois, repugnaria à razão admitir que o nosso ser, cuja persistência aqui constatamos em suas modificações incessantes, persistisse eternamente? Apenas muda de forma e de órgãos conforme o meio que atravessa em suas sucessivas encarnações.

É assim que o Sr. Renaud chega a expor sua concepção, que satisfaz a esta condição essencial: conservar a memória. Além disso, é conforme à justiça e à onipotente bondade de Deus.

Não há vazio no Universo, como não há o nada. Ora, se o mundo visível está em toda parte, o mundo invisível não está em parte alguma, diz precisamente o Sr. Renaud, a menos que também não esteja em toda parte.

Nesta Terra o homem tem dois estados bem distintos. Em *vigília* ele se lembra geralmente de todos os seus atos e tem consciência de si mesmo; durante o *sono* perde a memória e a consciência. Conseqüentemente, por que não teria o homem dois distintos modos de existência, sempre ligados entre si, sempre unidos à vida da espécie e do planeta? Primeiro, a existência que conhecemos na Terra, depois outra existência de ordem mais elevada, na qual o indivíduo se organiza e se encarna por meio de fluidos imponderáveis, participa de maneira mais larga e mais extensa na vida do nosso turbilhão, conserva a memória de suas existências anteriores e possui plena consciência de seu papel e de sua função no Universo? A existência mundana ou visível está em relação com o sono? A existência transmudana ou etérea tem analogia com a vigília?

Nesta hipótese, a solidariedade do gênero humano, nas suas gerações presentes e futuras, aparece-nos completa e inteira.

Cada um de nós viveu, vive e viverá em diferentes épocas da vida da espécie nesta Terra, e no seu duplo modo visível e invisível. Cada um de nós aí nasce e daí sai, conforme a lei de número, peso e medidas que preside à harmonia dos mundos. Nossas diversas alternâncias são contadas como os dias e as estações. Cada um de nós renasce na Terra, toma sua classe na espécie e sua função no trabalho geral, consoante o seu valor e segundo a lei da ordem universal. É possível que cada um de nós passe pelos diversos estados e funções que nos apresenta o conjunto da espécie. Seguramente a mais absoluta justiça preside a essas transformações, como a mais harmoniosa ordem brilha na eterna criação, nas variadas combinações que caracterizam todo organismo e todo ser vivo. Renascemos para a vida etérea e dela saímos sob essas mesmas condições de ordem e de harmonia.

Tal a concepção do Sr. Renaud, que aqui não posso expor com todo o desenvolvimento desejável. É preciso recorrer ao seu livro, claro, simples, rápido, onde uma fé profunda, aliada a uma razão tão elevada quanto imparcial, prende constantemente o leitor sob o encanto de uma teoria de tal modo consoladora quanto religiosa e grandiosa. A livre espontaneidade do homem, sua solidariedade íntima e incessante com os semelhantes, com o seu globo, com o seu turbilhão, com o Universo, sua atividade cada vez mais progressiva, eficaz, irradiante, em harmonia com as leis divinas, uma cadeia infinita para sua eterna aspiração, a onipotência e a bondade de Deus justificadas, explicadas e glorificadas, o amor pelo vínculo entre Deus e o homem, eis o que ressalta deste opúsculo, o mais completo de todos os que foram escritos sob a inspiração desta grande palavra: “Os desejos do homem são as promessas de Deus.”

É. de Pompéry

Este artigo deu origem às duas cartas seguintes, igualmente publicadas na *Presse* de 31 de julho e 5 de agosto de 1862.

“Paris, 29 de julho de 1862.

“*Ao redator.*

“Senhor,

“Acabo de ler na *Presse* de ontem à tarde a seguinte passagem (artigo do Sr. de Pompéry, sobre a obra do Sr. Renaud):

“O Sr. Renaud repele a hipótese de uma série indefinida de existências, quer na Terra, quer em outros globos... Hipótese a que abraçam mais ou menos os Srs. Jean Reynaud, Pierre Leroux, Henri Martin, Lamennais... Há um ponto capital que a destrói pela base: é a ausência da memória. De que me adianta uma imortalidade da qual não tenho consciência e que só Deus conhece? Para que minha imortalidade seja real, preciso é que, numa vida diferente da minha vida atual, eu guarde a lembrança de minhas existências anteriores e tenha consciência da continuidade e da identidade de meu ser.

“Em minha opinião o Sr. Pompéry tem razão; uma metempsicose indefinida e sem memória não é a imortalidade. Mas, se tem razão quanto às idéias, equivoca-se quanto às pessoas. Dos quatro escritores citados, apenas um professou a doutrina que ele combate: é o Sr. Pierre Leroux, em seu livro *Humanité*. No que me concerne, já que ele me incluiu, embora sem títulos, para figurar ao lado de três filósofos célebres, devo dizer que não tenho outra opinião senão a que acaba de expressar acima o Sr. Pompéry.

“Quanto ao Sr. Jean Reynaud, de certo modo ele fez de tal opinião o coroamento de seu livro *Terre et Ciel*, onde apresenta a ausência de memória como condição das existências inferiores, e a memória readquirida e conservada para sempre como um atributo essencial da vida superior.

“Também não creio que o Sr. Lamennais, numa época qualquer de sua carreira, tenha, de algum modo, parecido inclinar-se

à idéia da transmigração inconsciente e indefinida. Ela era muito contrária a todas as suas tendências.

“Ser-vos-ei reconhecido, senhor redator-chefe, se vos dignardes acolher esta reclamação, e rogo aceiteis meus mais distintos sentimentos.”

Henri Martin

“*Ao redator.*

“Senhor,

“Ao tecer considerações sobre o livro do Sr. Renaud, disse eu, conforme este, que os Srs. Henri Martin, Jean Reynaud, Pierre Leroux e Lamennais não podiam, de acordo com os sistemas por eles adotados, admitir que o homem preservasse a memória em suas existências ulteriores. Isto não implica absolutamente que não estivesse, no pensamento desses filósofos, a idéia de que o homem conserva, em suas existências indefinidas, a identidade e a perpetuidade de seu ser por meio da memória.

“A reclamação do Sr. Henri Martin seria, pois, muito justa, do ponto de vista de sua intenção, o que constato com prazer. Resta saber agora se o Sr. Renaud, discutindo os sistemas de seus ilustres contraditores, não tem razão de concluir pela sua insuficiência. Aí está toda a questão, na qual não posso entrar. É preciso ver o debate no livro do Sr. Renaud, que, aliás, dá testemunho da mais alta simpatia por estes homens eminentes.

“Aceitai, etc.”

E. de Pompéry

Eis, pois, um debate travado seriamente num jornal, sem anedotas vulgares e tolas, sobre a questão da pluralidade das existências, uma das bases fundamentais da Doutrina Espírita, por

homens cujo valor intelectual não poderia ser contestado, o que prova não ser ela tão absurda quanto a alguns apraz dizer. Se se quiser aprofundar mesmo as idéias emitidas no artigo do Sr. de Pompéry, nele encontrarão as da Doutrina Espírita sobre este ponto; nada falta para as completar, a não ser as relações entre os mundos visível e invisível, de que não se cogita. Tão-somente pela força do raciocínio e da intuição, esses senhores, aos quais poderiam juntar-se muitos outros, tais como Charles Fourier e Louis Jourdan, chegaram ao ponto culminante do Espiritismo sem ter passado pela feira intermediária. A única diferença entre eles e nós é que encontraram a coisa por si mesmos, ao passo que a nós foi revelada pelos Espíritos, aí estando, aos olhos de certa gente, o seu maior erro.

Ação Material dos Espíritos sobre o Organismo

O fato seguinte nos foi transmitido pelo Sr. A. Superchi, de Parma, membro honorário da Sociedade Espírita de Paris.

“Em nossa sessão de 23 de abril último, fiz o médium pôr a mão sobre o papel sem evocar nenhum Espírito. Logo que a mão começou a se mover, ele sentiu uma força estranha que o obrigou a manter o indicador levantado e duro, numa posição absolutamente anômala. O dedo estava singularmente frio. Não encontrando explicação para tal excentricidade, pedi a explicação ao Espírito. Respondeu: ‘Como sois esquecido! Não vos lembrais daquele que, em vida, assim escrevia? Tornei duro este dedo para vos dar uma prova de nossa autenticidade e de nosso poder.’ Era o Espírito de um irmão do médium, morto em Florença há mais de vinte anos. Tinha ferido o dedo ao quebrar uma garrafa, quando derramava o seu conteúdo, de tal modo que o dedo ficou anquilosado. Junto um desenho representando a posição da mão do médium.

“Um outro médium, ressentido por merecida mistificação, esforçava-se por provar que os fenômenos provinham do nosso próprio Espírito, concentrado não sei de que maneira. Um dia, conversando, tomou maquinalmente um lápis para desenhar algumas linhas, brincando; mas sua mão ficou imóvel, a despeito de todos os esforços. Por fim, pôs-se em movimento e escreveu estas palavras: ‘Quando eu não quiser, jamais poderás escrever o que quer que seja.’ Surpreendido, mas ao mesmo tempo ferido em seu amor-próprio, retomou o lápis, dizendo que não queria escrever e que veria se esse pretenso Espírito teria o poder de o obrigar. Apesar de sua resolução, a mão moveu-se rapidamente e escreveu: ‘Quando eu quiser, não poderás deixar de escrever.’”

Nos dois casos acima, a ação do Espírito sobre os órgãos é, como se vê, completamente independente da vontade. Desde logo se concebe que possa ser exercida espontaneamente, abstração feita de qualquer noção do Espiritismo. Com efeito, é o que provam muitas observações. Aqui ela ocorreu num dedo; alhures será sobre outro órgão e poderá traduzir-se por outros efeitos. Tal ação, temporária nesta circunstância, poderia adquirir certa duração e apresentar aparência patológica, que na realidade não existiria, e contra a qual seria ineficaz a terapêutica ordinária.

Considerado do ponto de vista das manifestações espíritas, esse fenômeno oferece notável prova de identidade. O Espírito, enquanto Espírito, incontestavelmente não tem o dedo anquilosado, mas a um médium vidente ele seria apresentado com tal enfermidade para ser reconhecido; ao que não era vidente, comunica por uns momentos a sua doença. Aqui ainda nos deparamos com a prova evidente de que o Espírito se identifica com o médium e se serve do corpo deste como se serviria do seu próprio corpo. Quer esta ação seja produzida por um Espírito malévolos, quer adquira certa duração, quer afete formas mais

características e excêntricas, e teremos a explicação da maioria dos casos de subjugação corporal atribuídos à loucura.

O fato seguinte, de natureza análoga, foi relatado por um membro da Sociedade de Paris, que o testemunhou numa cidade do interior.

“Vi”, disse ele, “um médium muito singular; é uma senhora ainda moça, que pede ao seu Espírito familiar lhe paralise, por exemplo, a língua; e logo não pode falar mais senão à maneira de um mudo, que se esforça por ser compreendido. A seu pedido, ele faz as mãos aderir uma à outra, de tal modo que é impossível separá-las; prende-a a uma cadeira até que ela peça para ser posta em liberdade. Pedi ao Espírito que a fizesse adormecer instantaneamente, e ele o fez: o médium adormeceu pela primeira vez, quase de imediato, sem o auxílio de ninguém. Foi nesse estado que julguei reconhecer a natureza desse Espírito, que me pareceu obsessor, porquanto, quando a senhora sofria, ou, ao menos, ficava muito agitada durante o sono, se eu lhe quisesse dar alguns passes magnéticos para acalmá-la, o Espírito a levava a me repelir duramente. Recomendei àquela senhora que não repetisse as experiências com muita freqüência.”

Quanto a nós, aconselhamos a que se abstinhasse totalmente, porque elas poderiam pregar-lhe uma peça. Torna-se evidente que um Espírito bom não se pode prestar a semelhantes coisas; delas fazer um jogo é pôr-se voluntariamente sob funesta dependência, *moral e fisicamente*, e só Deus sabe onde isto iria parar. Poderia resultar-lhe alguma subjugação corporal terrível, da qual lhe seria muito difícil, se não impossível, desembaraçar-se. Já é bastante que tais acidentes ocorram espontaneamente, sem que se sucedam quando provocados em excesso e apenas para satisfazer a uma vã curiosidade. Tais experiências não têm nenhuma utilidade para o melhoramento moral e podem acarretar os mais graves inconvenientes. Depois incriminariam o Espiritismo, quando não

deveriam acusar senão a imprevidência ou o orgulho dos que se julgam capazes de dirigir os Espíritos maus à sua vontade. Jamais os desafiamos impunemente. Não afirmamos que o Espírito em questão seja mau por natureza, mas o que é certo é que não pode ser adiantado, nem mesmo essencialmente bom, e que é sempre perigoso submeter-se a tal subordinação, cujo menor inconveniente seria a neutralização do livre-arbítrio. Dando acesso aos Espíritos dessa espécie, ficamos penetrados de seus fluidos, necessariamente refratários às influências dos Espíritos bons, que se afastam, se não nos esforçarmos para atraí-los, buscando no Espiritismo os meios de nos melhorarmos. *Uma vez penetrado por um fluido maléfico, o perispírito é como uma vestimenta impregnada de odor acre, que os mais deliciosos perfumes não podem fazer desaparecer.*

Ainda uma Palavra sobre os Espectros Artificiais e ao Sr. Oscar Comettant

A revista hebdomadária do *Siècle* de 12 de julho de 1863, trazia o seguinte parágrafo:

“Fora destas questões importantes, outras há, de ordem diversa, e que também não podem ser negligenciadas, entre as quais a questão tão expressiva dos espectros. Vistes os espectros? Há cerca de oito dias o espectro é o único assunto a distrair um pouco as conversas. Assim, cada teatro tem os seus, espectros de honestos velhacos que roubaram, pilharam, assassinaram e que retornam, sombras impalpáveis, a passear à meia-noite, no quinto ato de um drama fortemente planejado. Este segredo do espectro, ou, para falar a linguagem dos bastidores, este *truque*, dizem, tão caro a um inglês, é de uma simplicidade tão elementar, que todos os teatros têm tido seus espectros no mesmo dia, este mais caro que aquele. Depois do teatro o espectro passou ao salão, onde faz as alegres noitadas dos senhores e senhoras, excitadíssimos por essa amável espectromania. Eis uma diversão que chega na hora certa para

explicar muitos prodígios, e quero falar, sobretudo, dos prodígios do Espiritismo. Muito se tem falado desses espíritas que evocam os mortos, os quais, na intimidade, são mostrados a crentes apavorados. Com o auxílio de um simples truque, pode fazer-se a mesma tarefa sem passar por grande feiticeiro. Esta evocação geral dos espectros dá um golpe funesto no maravilhoso, hoje que está provado que não é mais difícil fazer aparecerem fantasmas do que pessoas em carne e osso. O próprio Sr. Home em pessoa já deve ter perdido setenta e cinco por cento da estima de suas numerosas admiradoras.

“O ideal vira pó ao toque do real. O real é o truque.”

Edmond Texier

Tínhamos razão em dizer, a propósito deste novo processo fantasmagórico, que os jornais não deixariam de falar do Espiritismo. Já o *Indépendance belge* tinha expressado sua viva satisfação, exclamando: “Como os espíritas vão se sair desta?” Diremos simplesmente a esses senhores que se informem de como se porta o Espiritismo. O que mais claramente ressalta desses artigos é, como sempre, a prova da mais completa ignorância do assunto que atacam. Efetivamente, é preciso não saber quase nada para crer que os espíritas se reúnem para fazer aparecerem fantasmas. Ora, o mais estranho é que jamais os vimos, nem mesmo nos teatros, embora, no dizer desses senhores, estejamos grandemente interessados na questão.

O Sr. Robin, o prestidigitador citado em nosso precedente artigo do mês de julho, vai mais longe: não é só o *Espiritismo* que ele pretende demolir, mas a própria Bíblia. Em sua alocução quotidiana aos seus espectadores, afirma que a aparição de Samuel a Saul se deu pelo mesmo processo que o seu. Não imaginávamos que a ciência da óptica estivesse tão adiantada naquela época, entre os hebreus, que não passavam por muito

cultos. Sendo assim, foi sem dúvida também por meio de algum *truque* que Jesus apareceu a seus discípulos.

Não produzindo os falsos espectros o resultado esperado, sem dúvida logo veremos surgir algum novo estratagemas. Eles terão seu tempo, como tudo quanto tem como resultado apenas satisfazer a curiosidade; esse tempo talvez seja mais curto do que se pensa, porque a gente se cansa depressa do que nada deixa no espírito. Assim, os teatros farão bem os aproveitando, enquanto têm o privilégio de atrair a multidão pela sedução da novidade. Sua aparição sempre terá tido a vantagem de fazer falar do Espiritismo e de espalhar sua idéia. Como qualquer outro, era um meio de estimular muita gente a se inquirir da verdade.

Que diremos nós do folhetim do Sr. Oscar Comettant sobre o livro do Sr. Home, publicado no *Siècle* de 15 de julho de 1863? Nada, senão que é a melhor propaganda para fazer vender a obra, do que se aproveitará o Espiritismo. É útil que, de tempos em tempos, haja estas chicotadas, para despertar a atenção dos indiferentes. Se o artigo não é espírita nem espiritualista, é, ao menos, espirituoso? Deixamos a outros o cuidado de se pronunciarem.

Há, entretanto, algo de bom nesse artigo: é que o autor, a exemplo de vários de seus confrades, cai sem dó nem piedade sobre os que fazem profissão da faculdade mediúnica; censura com justa severidade os abusos daí resultantes, e assim contribui para os desacreditar, do que o Espiritismo sério não poderia lamentar-se, já que ele próprio repudia toda exploração deste gênero como indigna do caráter exclusivamente moral do Espiritismo e como um golpe ao respeito que se deve aos mortos. Erra o Sr. Comettant ao generalizar o que seria, quando muito, uma rara exceção e, sobretudo, identificar os médiuns com os prestidigitadores, os que deitam cartas, os ledores da sorte, os saltimbancos, porque viu saltimbancos tomar o nome de médiuns, como se vêem charlatães

se fazendo passar por médicos. Ele parece ignorar que há médiuns entre os membros das famílias das mais altas classes; que os há mesmo entre certos escritores de renome, tidos em grande estima por ele próprio e seus amigos; que é notório que a Sra. Émile de Girardin era um excelente médium. Teríamos curiosidade de saber se ele ousaria dizer-lhes na face que são farsistas.

Se os que assim falam se dessem ao trabalho de estudar antes de falar, saberiam que o exercício da mediunidade exige um profundo recolhimento, incompatível com a leviandade de caráter e a algazarra dos curiosos e que nada de sério se deve esperar nas reuniões públicas. O Espiritismo desaprova toda experiência de mera curiosidade, realizada com o propósito de diversão, pois que se não deve distrair com essas coisas. Os Espíritos, isto é, a alma dos que deixaram a Terra, dos nossos parentes e amigos, o que nada tem de divertido, vêm nos instruir e moralizar, e não distrair os ociosos; não vêm predizer o futuro, nem descobrir segredos ou tesouros ocultos; vêm ensinar-nos que há uma outra vida, e como nos devemos conduzir para nela sermos felizes, o que, para certa gente, é pouco recreativo. Mesmo que se não acredite na alma e na sobrevivência dos que nos foram caros, é sempre descabido expor ao ridículo essa crença, ainda que por respeito à sua memória. O Espiritismo também nos ensina que os Espíritos não estão às ordens de ninguém; que vêm quando querem e com quem querem; que quem quer que pretenda tê-los à sua disposição e os governar à vontade, pode, com toda a razão, passar por ignorante ou charlatão; que tanto é ilógico quanto irreverente admitir que os Espíritos sérios se submetam ao capricho do primeiro que chegue e os pretenda evocar, a qualquer hora e a tanto por sessão, para lhes fazer representar um papel de comparsa; que há mesmo um sentimento instintivo de repugnância ligado à idéia de que a alma do ser que se chora venha a troco de dinheiro. Por outro lado, é princípio consagrado pela experiência que os Espíritos não se comunicam facilmente, nem de boa vontade, por certos médiuns; que entre estes últimos os há absolutamente repulsivos a certos

Espíritos, o que se compreende facilmente quando se conhece a maneira pela qual se opera a comunicação, pela assimilação de fluidos. Pode, pois, entre o Espírito e o médium, haver atração ou repulsão, conforme o grau de afinidade simpática. A simpatia é fundada sobre as similitudes morais e a afeição. Ora, que simpatia pode ter o Espírito por um médium que só o chama por dinheiro?

Talvez digam que o Espírito vem para a pessoa que o chama e não pelo médium, que não passa de um instrumento. De acordo; mas nem por isso são menos necessárias as condições fluídicas, essencialmente modificadas pelos sentimentos morais e pelas relações pessoais entre o Espírito e o médium. Esta a razão por que não há um só médium que se possa vangloriar de comunicar-se indistintamente com todos os Espíritos, dificuldade capital para aquele que os quisesse explorar. Eis o que ensinamos ao Sr. Comettant, uma vez que o ignora, e que destrói as assimilações que ele pretende estabelecer. A mediunidade real é uma faculdade preciosa, que adquire tanto mais valor quanto mais é empregada para o bem e é exercida religiosamente e com total desinteresse, moral e material. Quanto à mediunidade *simulada ou abusiva, seja no que for*, nós a entregamos a todas as severidades da crítica. Seria ignorar os mais elementares princípios do Espiritismo imaginar que este se constitui o seu defensor e que a repressão legal de um abuso, caso ocorresse, fosse um choque. Nenhuma repressão poderia atingir os médiuns que não fizessem profissão de sua faculdade e não se afastassem da via moral que lhes é traçada pela doutrina. As armas que os abusos fornecem aos detratores, sempre ávidos em aproveitar as ocasiões para censurar, mesmo as inventar quando não existem, fazem ressaltar mais ainda, aos olhos dos espíritas sinceros, a necessidade de mostrar que não há nenhuma solidariedade entre a verdadeira doutrina e os que a parodiam.

Questões e Problemas

MISTIFICAÇÕES

Uma carta de Locarno contém a seguinte passagem:

“...Para mim a dúvida seria impossível, pois tenho uma filha, que é excelente médium, e meu próprio filho escreve. Mas, ah! ele recebeu tão cruéis mistificações, que seu desânimo me contagiou um pouco, sem, contudo, abalar nossa crença tão pura e consoladora, não obstante os pesares que experimentamos quando nos vemos enganados por respostas decepcionantes. Por que, então, permite Deus que os bem-intencionados sejam assim enganados por aqueles que os deveriam esclarecer?...”

Resposta – O mundo corpóreo, retornando ao mundo espírita pela morte, e o mundo espírita, fazendo o caminho inverso pela reencarnação, resulta que a população normal do espaço que circunda a Terra é composta de Espíritos provenientes da Humanidade terrestre. Sendo esta Humanidade uma das mais imperfeitas, não pode dar senão produtos imperfeitos, razão por que à sua volta pululam os Espíritos maus. Pela mesma razão, nos mundos mais adiantados, onde o bem reina sem limite, só há Espíritos bons. Admitindo isto, compreender-se-á que a intromissão, tão freqüente, dos Espíritos maus nas relações mediúnicas é inerente à inferioridade do nosso globo; aqui se corre o risco de ser vítima dos Espíritos enganadores, como num país de ladrões o de ser roubado. Não se poderia perguntar, também, por que permite Deus que pessoas honestas sejam despojadas por larápios, vítimas da malevolência e alvo de toda sorte de misérias? Perguntai antes por que estais na Terra, e vos será respondido que é porque não merecestes um lugar melhor, salvo os Espíritos que aqui estão em missão. É preciso, pois, sofrer-lhes as conseqüências e envidar esforços para dela sair o mais cedo possível. Enquanto isto, é necessário esforçar-se por se preservar das investidas dos Espíritos maus, o que só se consegue lhes fechando todas as brechas que

lhês poderiam dar acesso em nossa alma, a eles se impondo pela superioridade moral, a coragem, a perseverança e uma fé inabalável na proteção de Deus e dos Espíritos bons, no futuro que é tudo, ao passo que o presente nada é. Mas como ninguém é perfeito na Terra, ninguém se pode vangloriar, sem orgulho, de estar ao abrigo de suas malícias de maneira absoluta. Sem dúvida a pureza de intenções é importante; é a rota que conduz à perfeição, mas não é a perfeição e, ainda, pode haver, no fundo da alma, algum velho fermento. Eis por que não há um só médium que não tenha sido mais ou menos enganado.

A simples razão nos diz que os Espíritos bons não podem fazer senão o bem, pois, do contrário, não seriam bons, e que o mal só pode vir dos Espíritos imperfeitos. Portanto, as mistificações só podem provir de Espíritos levianos ou mentirosos, que abusam da credulidade e, muitas vezes, exploram o orgulho, a vaidade ou outras paixões. Tais mistificações têm o objetivo de pôr à prova a perseverança, a firmeza na fé e exercitar o julgamento. Se os Espíritos bons as permitem em certas ocasiões, não é por impotência de sua parte, mas para nos deixar o mérito da luta. A experiência que se adquire à sua custa sendo mais proveitosa, se a coragem diminuir, é uma prova de fraqueza que nos deixa à mercê dos Espíritos maus. Os Espíritos bons velam por nós, assistem-nos e nos ajudam, mas sob a condição de nos ajudarmos a nós mesmos. O homem está na Terra para a luta; precisa vencer para dela sair, senão fica nela.

INFINITO E INDEFINIDO

Escrevem-nos de São Petersburgo em 1^o de julho de 1863:

“...Em *O Livro dos Espíritos*, livro I, capítulo I, n^o 2, notei esta proposição *Tudo o que é desconhecido é infinito*. Parece-me que muitas coisas nos são desconhecidas sem que, por isto, sejam

infinitas. Como esse termo se encontra em todas as edições, pedi a explicação ao meu guia, que me respondeu ‘A palavra *infinito* aqui é um erro; o certo é *indefinido*.’ Que pensar disto?...”

Resposta – Estes dois termos, embora sinônimos no sentido geral, têm cada um uma acepção especial. A Academia assim os define:

Indefinido, cujo fim, ou limites não são ou não podem ser determinados. *Tempo indefinido*. *Número indefinido*. *Linha indefinida*. *Espaço indefinido*.

Infinito, que não tem começo nem fim, que é sem marcos e sem limites. *O espaço é infinito*. *Deus é infinito*. *A misericórdia de Deus é infinita*. Por extensão, diz-se daquilo que não se pode fixar limites, o termo e, por exagero, tanto no sentido físico quanto no moral, de tudo que é muito considerável em seu gênero. Diz-se particularmente para inumerável. *Uma duração infinita*. *A beatitude infinita dos eleitos*. *Astros situados a uma distância infinita*. *Eu vos agradeço infinitamente*. *Uma infinita variedade de objetos*. *Penas infinitas*. *Há um número infinito de autores que escreveram sobre este assunto*.

Daí resulta que a palavra *indefinido* tem um sentido mais particular e a palavra *infinito* tem um sentido mais geral; que o primeiro se diz de preferência a propósito das coisas materiais, e o segundo de coisas abstratas; é mais vago que o outro. O sentido mais geral da palavra *infinito* permite aplicá-lo em certos casos ao que não é senão *indefinido*, ao passo que o inverso não poderia ocorrer. Diz-se igualmente: uma duração infinita e uma duração indefinida; mas não se poderia dizer: Deus é indefinido, sua misericórdia é indefinida.

Sob este ponto de vista, o emprego da palavra *infinito* na frase supracitada não é abusivo e não constitui erro. Dizemos, além disso, que a palavra *indefinido* não expressaria a mesma idéia.

Desde que uma coisa seja desconhecida, tem para o pensamento a incerteza do infinito, se não absoluto, ao menos relativo. Por exemplo, não sabeis o que vos acontecerá amanhã: vosso pensamento erra no infinito; os acontecimentos é que são indefinidos; não sabeis quantas estrelas há: é um número indefinido, mas é também o infinito para a imaginação. No caso em tela, convinha, pois, empregar o termo que generaliza o pensamento, de preferência ao que lhe daria um sentido restritivo.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

SR. CARDON, MÉDICO, FALECIDO EM SETEMBRO DE 1862

(Sociedade de Paris – Médium: Sr. Leymarie)

O Sr. Cardon tinha passado uma parte de sua vida na marinha mercante, como médico de um baleeiro, e havia adquirido hábitos e idéias um pouco materialistas. Retirado para o vilarejo de J..., ali exercia a modesta profissão de médico rural. Desde algum tempo adquirira a certeza de que sofria uma hipertrofia do coração e, sabendo que tal doença é incurável, o pensamento da morte o mergulhava em sombria melancolia, da qual nada o podia distrair. Com cerca de dois meses de antecedência, predisse o seu fim em dia fixo; quando se viu perto de morrer, reuniu a família para lhe dar o último adeus. Sua esposa, sua mãe, seus três filhos e outros parentes estavam em volta de seu leito. No momento em que a esposa tentava erguê-lo, ele se prostrou, tornou-se de um azul lívido, os olhos fecharam e o deram por morto; a esposa colocou-se à frente para ocultar o espetáculo aos filhos. Após alguns minutos abriu os olhos; seu rosto, por assim dizer iluminado, tomou uma expressão de radiosa beatitude e exclamou: “Oh! meus filhos, como é belo! como é sublime! Oh! a morte! que benefício! que coisa suave! Eu estava morto e senti minha alma elevar-se bem alto; mas Deus me permitiu voltar para vos dizer: Não temais a morte; é a libertação... Não vos posso descrever a magnificência do que vi e as impressões de que me senti penetrado! Mas não o

compreenderíeis... Oh! meus filhos, conduzi-vos sempre de maneira a merecer essa inefável felicidade, reservada aos homens de bem; vivei segundo a caridade; se tiverdes alguma coisa, dai àqueles a quem falta o necessário... Querida esposa, deixo-te numa posição que não é feliz; devem-nos dinheiro, mas eu te suplico, não atormentes os que nos devem; se estiverem em dificuldades, espera que possam pagar, e aos que não puderem, faze o sacrifício: Deus te recompensará. E tu, meu filho, trabalha para sustentar tua mãe; sê sempre um homem honesto e guarda-te de fazer algo que possa desonrar nossa família. Toma esta cruz que vem de minha mãe; não a deixes e que ela te lembre sempre meus últimos conselhos... Meus filhos, ajudai-vos e sustentai-vos mutuamente; que a boa harmonia reine entre vós; não sede vãos, nem orgulhosos; perdoai aos vossos inimigos, se quiserdes que Deus vos perdoe.” Depois, tendo feito os filhos se aproximarem, estendeu as mãos para eles e acrescentou: “Meus filhos, eu vos abençôo.” E, desta vez, seus olhos se fecharam para sempre; mas seu rosto conservou uma expressão tão imponente que, até o momento em que foi enterrado, uma multidão numerosa o veio contemplar com admiração.

Esses interessantes detalhes nos foram transmitidos por um amigo da família, levando-nos a pensar que uma evocação poderia ser instrutiva para todos e, ao mesmo tempo, para o Espírito.

1. Evocação.

Resp. – Estou ao vosso lado.

2. Contaram-nos os vossos últimos instantes, os quais nos encheram de admiração. Teríeis a bondade de descrever, o melhor possível, o que vistes no intervalo do que se poderia chamar vossas duas mortes?

Resp. – Poderíeis compreender o que vi? Não sei, pois não encontraria expressões capazes de tornar compreensível o que vi durante os poucos instantes em que me foi possível deixar meus despojos mortais.

3. Dai-vos conta de onde estivestes? É longe da Terra, num outro planeta ou no espaço?

Resp. – O Espírito não conhece o valor das distâncias, tal como as considerais. Levado não sei por que agente maravilhoso, vi o esplendor de um céu como só nossos sonhos poderiam realizá-lo. Essa excursão através do infinito se fez de modo tão rápido que não posso precisar os instantes gastos por meu Espírito.

4. Atualmente desfrutais da felicidade que vislumbrastes?

Resp. – Não; bem queria poder fruí-la, mas Deus assim não me pode recompensar. Muitas vezes me revoltei contra os abençoados pensamentos ditados pelo coração, e a morte me parecia uma injustiça. Médico incrédulo, tinha adquirido na arte de curar um aversão contra a segunda natureza, que é o nosso movimento inteligente, divino; a imortalidade da alma era uma ficção própria para seduzir as naturezas pouco elevadas; a despeito disto, o vazio me aterrorizava, pois maldizia muitas vezes esse agente misterioso que fere sempre e sempre. A filosofia me desviara, sem me dar a compreender toda a grandeza do Eterno, que sabe repartir a dor e a alegria para o ensino da Humanidade.

5. Quando de vossa verdadeira morte, logo vos reconhecestes?

Resp. – Não; reconheci-me durante a transição feita por meu Espírito para percorrer lugares etéreos; mas, após a morte real, não; foram necessários alguns dias para o meu despertar.

Deus me havia concedido uma graça. Vou dizer-vos a sua razão:

Minha incredulidade inicial não mais existia; antes da morte eu já tinha acreditado, porquanto, depois de ter cientificamente sondado a matéria pesada que me fazia definhir, eu só encontrara razões divinas. Elas me tinham inspirado, consolado,

e minha coragem era mais forte que a dor. Eu bendizia o que havia amaldiçoado; o fim me parecia a libertação. O pensamento de Deus é grande como o mundo! Oh! que suprema consolação na prece que dá enternecimentos inefáveis; ela é o elemento mais seguro de nossa natureza imaterial; por ela compreendi, acreditei firmemente, soberanamente, e é por isto que Deus, enxergando minhas abençoadas ações, houve por bem recompensar-me antes que se me fındasse a encarnação.

6. Poder-se-ia dizer que da primeira vez estáveis morto?

Resp. – Sim e não. Tendo deixado o corpo, naturalmente a carne se extinguiu; mas o Espírito, ao retomar a posse de minha morada terrena, fez voltasse ao corpo a vida que tinha sofrido uma transição, um sono.

7. Nesse momento sentíeis os laços que vos prendiam ao corpo?

Resp. – Sem dúvida. O Espírito tem um laço difícil de desatar, fazendo-se necessário um último estremecimento da carne para que retorne à sua vida natural.

8. Como se explica, durante a vossa morte aparente e no curso de alguns minutos, que vosso Espírito pudesse desprender-se instantaneamente e sem dificuldade, ao passo que a morte real foi seguida de uma perturbação de alguns dias? No primeiro caso, subsistindo mais que no segundo os laços entre a alma e o corpo, parece que o desprendimento deveria ser mais lento; e foi o contrário que se deu.

Resp. – Muitas vezes fizestes a evocação de um Espírito encarnado e recebestes respostas reais. Eu estava na situação desses Espíritos. Deus me chamava e seus servidores me tinham dito: “Vem...” Obedeci e agradeço a Deus a graça especial que ele se dignou de me fazer. Pude ver a infinitude de sua grandeza e dela me dar conta. Agradeço a vós por me terdes permitido, antes da morte

real, ensinar aos meus, a fim de que tenham boas e justas encarnações.

9. De onde vos vinham as belas e boas palavras que, por ocasião do vosso retorno à vida, dirigistes à vossa família?

Resp. – Eram o reflexo do que tinha visto e ouvido. Os Espíritos bons inspiravam-me a voz e davam vida ao meu rosto.

10. Que impressão julgais que a vossa revelação tenha causado nos assistentes e, de modo especial, nos vossos filhos?

Resp. – Extraordinária, profunda; a morte não é mentirosa e os filhos, por mais ingratos que possam ser, inclinam-se ante a partida dos que se vão. Se se pudesse perscrutar os seus corações junto a um túmulo entreaberto, só se sentiriam batidas de sentimentos verdadeiros, profundamente tocados pela mão secreta dos Espíritos que a todos ditam os pensamentos: Tremei, se estiverdes em dúvida; a morte é a reparação, a justiça de Deus; e eu vo-lo asseguro, malgrado os incrédulos, meus amigos e minha família acreditarão nas palavras que minha voz pronunciou antes de morrer. Eu era o intérprete de um outro mundo.

11. Dissestes que não desfrutais da felicidade que entrevistes. Sois infeliz?

Resp. – Não, pois acreditava antes de morrer, e isto na alma e na consciência. A dor aperta neste mundo, mas reedifica para o futuro espírita. Notai que Deus soube levar em conta as minhas preces e minha crença absoluta nele; estou no caminho da perfeição e chegarei ao fim que me foi permitido entrever. Oraí, meus amigos, por esse mundo invisível que preside aos vossos destinos; este intercâmbio fraterno é caridade; é uma poderosa alavanca, que põe em comunicação os Espíritos de todos os mundos.

12. Gostaríeis de dirigir algumas palavras à vossa esposa e aos vossos filhos?

Resp. – Rogo a todos os meus que creiam em Deus, poderoso, justo, imutável; na prece que consola e alivia; na caridade, que é o ato mais puro da encarnação humana; que se lembrem que

se pode dar pouco: o óbolo do pobre é o mais meritório perante Deus, que sabe que um pobre dá muito dando pouco. É preciso que o rico dê muito e muitas vezes para merecer tanto quanto aquele.

O futuro é a caridade, a benevolência em todas as ações; é crer que todos os Espíritos são irmãos, jamais se prevalecendo de todas as vaidades pueris.

Família bem-amada, tereis rudes provas; mas sabeis suportá-las corajosamente, pensando que Deus vos vê.

Dizei sempre esta prece:

Deus de amor e de bondade, que dás tudo e sempre, concede-nos essa força que não recua ante nenhum sofrimento; torna-nos bons, mansos e caridosos, pequenos pela fortuna, grandes pelo coração; que nosso Espírito seja espírita na Terra, para melhor te compreender e te amar.

Que teu nome, ó meu Deus, emblema de liberdade, seja o objetivo consolador de todos os oprimidos, de todos os que têm necessidade de amar, perdoar e crer.

Cardon

Dissertações Espíritas

ESPÍRITO JEAN REYNAUD

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sra. Costel)

Meus amigos, como esta nova vida é magnífica! Semelhante a uma torrente luminosa, arrasta no seu curso imenso as almas sequiosas do infinito! Após a ruptura dos laços carnis, meus olhos abarcaram os novos horizontes que me cercam e pude fruir das esplêndidas maravilhas do infinito. Passei das sombras da

matéria à aurora deslumbrante que anuncia o Todo-Poderoso. Estou salvo, não pelo mérito de minhas obras, mas pelo conhecimento do princípio eterno, que me fez evitar as máculas impressas pela ignorância na própria Humanidade. Minha morte foi abençoada; meus biógrafos a julgaram prematura. Ah! os cegos! Lamentarão alguns escritos nascidos da poeira e não compreenderão o quanto é útil, para a santa causa do Espiritismo, o pouco ruído que se faz em torno de meu túmulo semifechado. Minha obra estava terminada; meus antecessores abriram o caminho; eu havia alcançado este ponto culminante em que o homem deu o que tinha de melhor e onde não faz mais que recomeçar. Minha morte desperta a atenção dos letrados sobre a minha obra capital, que interessa à grande questão espírita, que eles fingem desconhecer e que em breve os enleará. Glória a Deus! Ajudado pelos Espíritos superiores, que protegem a nova doutrina, serei um dos batedores que assinalam a vossa estrada.

(Numa reunião familiar – Médiun: Sr. Charles V...)

O Espírito responde a esta reflexão: Vossa morte inesperada, em idade tão pouco avançada, surpreendeu a muita gente.

“Quem me diz que minha morte não foi um benefício para o Espiritismo, para o seu futuro, para as suas conseqüências? Notastes, meu amigo, a marcha que segue o progresso, o caminho que toma a fé espírita? Deus, primeiramente, deu provas materiais: dança das mesas, batidas e toda sorte de fenômenos; era para chamar a atenção; era um preâmbulo divertido. Para crer, os homens necessitam de provas palpáveis. Agora a coisa é completamente diferente. Após os fatos materiais, Deus fala à inteligência, ao bom-senso, à razão fria; já não se trata de manifestações de força, mas de coisas racionais, que devem convencer e até congraçar os incrédulos mais obstinados. E isto é apenas o começo. Notai bem o que vos digo: toda uma série de

fatos inteligentes, irrefutáveis, vão seguir-se, e o número dos adeptos da fé espírita, já tão grande, vai aumentar ainda mais. Deus vai conquistar as inteligências de escol, as sumidades do espírito, do talento e do saber. Será um raio luminoso a espalhar-se por toda a Terra, como um fluido magnético irresistível, impelindo os mais recalcitrantes à busca do infinito, ao estudo dessa admirável ciência, que nos ensina máximas tão sublimes. Todos vão agrupar-se em torno de vós e, abstração feita do diploma de gênio que lhes havia sido dado, vão fazer-se humildes e pequenos, para que aprendam e se convençam. Depois, mais tarde, quando estiverem bem instruídos e bem convencidos, servir-se-ão de sua autoridade e da notoriedade de seus nomes para impelir ainda mais longe e atingir os últimos limites da meta a que todos vos propusestes: a regeneração da espécie humana pelo conhecimento raciocinado e aprofundado das existências passadas e futuras. Eis a minha sincera opinião sobre o estado atual do Espiritismo.”

Jean Reynaud

(Bordeaux – Médium: Sra. C...)

Rendo-me com prazer ao vosso apelo, senhora. Sim, tendes razão: a bem dizer, a confusão espírita não existiu para mim (isto respondia ao pensamento da médium). Exilado voluntariamente em vossa Terra, onde deveria lançar a primeira semente séria das grandes verdades que, atualmente, envolvem o mundo, sempre tive consciência da pátria e logo me reconheci em meio aos meus irmãos.

P. – Agradeço-vos por terdes vindo. Mas não acreditava que meu desejo de conversar tivesse influência sobre vós. Deve haver, necessariamente, tão grande diferença entre nós, que só penso nisto com respeito.

Resp. – Obrigado, minha filha, por este bom pensamento. Mas, deveis saber também, seja qual for a distância

que entre nós se possa estabelecer quanto às provas acabadas, mais ou menos prontamente, mais ou menos felizmente, há sempre um laço poderoso a nos unir: a simpatia; e este laço vós o apertastes pelo vosso pensamento constante.

P. – Apesar de muitos Espíritos terem explicado suas primeiras sensações ao despertar, teríeis a bondade de me dizer o que experimentastes ao vos reconhecer, e como se operou a separação entre o Espírito e o corpo?

Resp. – Como para todos. Senti o momento da separação aproximar-se; contudo, mais feliz que muitos, não me causou angústia, posto que lhe conhecia os resultados, embora fossem ainda maiores do que eu pensava. O corpo é um entrave às faculdades espirituais e, sejam quais forem as luzes que se tenha conservado, são sempre mais ou menos abafadas pelo contato da matéria. Adormeci esperando um despertar feliz; o sono foi curto, a admiração imensa! Desdobrados aos meus olhos, os esplendores celestes brilhavam com toda a sua magnificência. Meu olhar maravilhado mergulhava nas imensidades desses mundos, cuja existência e habitabilidade eu afirmara. Era uma miragem que me confirmava a verdade de meus sentimentos. Por mais seguro que se julgue o homem ao falar, às vezes tem no fundo do coração momentos de dúvida, de incerteza; desconfia, se não da verdade que proclama, pelo menos dos meios imperfeitos que emprega para a demonstrar. Convencido da verdade que queria que admitissem, muitas vezes tive de combater contra mim mesmo, contra o desânimo de ver, de tocar, por assim dizer, a verdade, e de não poder torná-la palpável aos que teriam tanta necessidade de nela crer para marchar com segurança na estrada que devem seguir.

P. – Em vida professáveis o Espiritismo?

Resp. – Entre professar e praticar há uma grande diferença. Muita gente professa uma doutrina que não pratica; eu praticava e não professava. Assim como todo homem que segue as leis do Cristo é cristão, ainda que não as conhecesse, também todo

homem pode ser espírita, contanto que creia em sua alma imortal, em suas preexistências, em sua marcha progressiva incessante, em suas provas terrestres e nas abluções necessárias para se purificar. Eu acreditava nisto; era, pois, espírita. Compreendi a erraticidade, este laço intermediário entre as encarnações, esse purgatório onde o Espírito culpado se despoja de suas vestes sujas para se revestir de uma outra, em que o Espírito em progresso *tece* com cuidado a túnica que vai usar novamente e que deseja conservar pura. Como vos disse, compreendi e, sem professar, continuei a praticar.

Observação – Estas três comunicações foram obtidas por três médiuns diferentes, completamente estranhos entre si. Não temos nenhuma prova material da identidade do Espírito que se manifestou, mas, pela analogia dos pensamentos, pela forma da linguagem, podemos admitir, ao menos, a presunção de identidade. A expressão *tece com cuidado a túnica que vai usar novamente* é uma encantadora figura que pinta a solícitude com a qual o Espírito em progresso prepara a nova existência que o deve fazer progredir mais. Os Espíritos atrasados são menos cautelosos e, por vezes, fazem escolhas infelizes que os forçam a recomeçar.

MEDICINA HOMEOPÁTICA

(Sociedade Espírita de Paris, 13 de março de 1863 – Médiun: Sra. Costel)

Minha filha, venho dar um ensinamento médico aos espíritas. Aqui a Astronomia e a Filosofia têm eloqüentes intérpretes; a moral conta tantos escritores quantos médiuns. Por que a Medicina, em seu lado prático e fisiológico, seria negligenciada? Fui o criador da renovação médica, que hoje penetra até as fileiras dos sectários da antiga medicina. Ligados contra a homeopatia, por mais que lhe criassem diques sem número, por mais que lhe gritassem: “Não irás mais longe!”, a jovem medicina, triunfante, transpôs todos os obstáculos. O Espiritismo lhe será poderoso auxiliar; graças a ele, ela abandonará a tradição materialista que, durante tanto tempo, lhe retardou o

desenvolvimento. O estudo médico está inteiramente ligado à pesquisa das causas e dos efeitos espiritualistas; ela disseca os corpos e deve, também, analisar a alma. Deixai, pois, um velho médico justificar os fins e o objetivo da doutrina que propagou, e que vê estranhamente desfigurada neste mundo pelos praticantes, e no Além por Espíritos ignorantes que usurpam o seu nome. Gostaria que minha palavra ouvida tivesse o poder de corrigir os abusos que alteram a homeopatia, impedindo-a, assim, de ser tão útil quanto devia.

Se eu falasse num centro prático, onde os conselhos pudessem ser ouvidos com proveito, eu me levantaria contra a negligência de meus colegas terrestres, que desconhecem as leis primordiais do *Organon*, exagerando as doses e, sobretudo, não dando à trituração tão importante dos medicamentos, os cuidados que indiquei. Muitos esquecem que cem, e às vezes duzentos golpes, são absolutamente necessários à liberação do princípio médico apropriado a cada uma das plantas ou venenos que formam o nosso arsenal curador. Nenhum remédio é indiferente, nenhum medicamento é inofensivo; quando o diagnóstico mal observado o faz dar fora de propósito, ele desenvolve os germes da doença que era chamado a combater.

Mas eu me deixo arrastar por meu assunto e eis-me propenso a dar um curso de homeopatia a um auditório que não deve interessar-se por esta questão. Entretanto, não creio seja inútil iniciar os espíritas nos princípios fundamentais da ciência, a fim de os premunir contra as decepções que possam sofrer, quer da parte dos homens, quer mesmo da dos Espíritos.

Samuel Hahnemann

Observação – Esta observação foi motivada pela presença à sessão de um médico homeopata estrangeiro, que desejava a opinião de Hahnemann sobre o estado atual da ciência.

Faremos observar que ela foi dada através de uma jovem senhora que não fez estudos médicos, e à qual são estranhos, necessariamente, muitos termos especiais.

Correspondência

CARTA DO SR. T. JAUBERT, DE CARCASSONNE

O Sr. T. Jaubert, vice-presidente do Tribunal Civil de Carcassonne, envia-nos a seguinte carta, a propósito do título de membro honorário que lhe conferiu a Sociedade Espírita de Paris. A Sociedade agiu com acerto, ao dar ao Sr. Jaubert esse testemunho de simpatia e lhe provar quanto aprecia seu devotamento à causa do Espiritismo, sua modéstia e sua firmeza de caráter. Há posições que realçam ainda mais o mérito da coragem de opinião e qualidades que põem o homem acima da crítica. (Ver a *Revista* de junho de 1863: *Um Espírito premiado pela Academia de Jogos Florais*).

Moligt-les-Bains, 21 de julho de 1863

“Senhor presidente,

“Vossa carta e a ata constatando a minha admissão entre os membros honorários da Sociedade Espírita parisiense encontrou-me em Moligt, onde passo, no interesse de minha saúde, umas férias de vinte e nove dias. Devo dar-vos, *imediatamente*, a expressão de toda a minha gratidão.

“Creio na imortalidade da alma, na comunicação dos mortos com os vivos, como creio no Sol. Amo o Espiritismo como a mais legítima afirmação da lei de Deus: a lei do progresso. Confesso-o claramente, porque confessá-lo é fazer o bem. Aceitei o laurel da Academia de Toulouse como uma resposta retumbante aos que não querem ver nos ditados reais dos Espíritos senão percepções errôneas ou elucubrações ridículas. Recebo o título de

membro honorário da Sociedade, da qual sois o chefe, como o mais honrado entre os que obtenho das mãos dos homens. Ainda uma vez senhor, recebei, vós e todos os membros da Sociedade Parisiense, os meus mais sinceros agradecimentos.

“Vosso relato da sessão dos Jogos Florais interpretou fielmente os meus sentimentos e a minha conduta. Eu não podia expor-me a chocar o público e os meus juízes, caso declarasse que a fábula premiada era obra de meu Espírito familiar. Expressistes perfeitamente, na vossa *Revista*, o respeito que devo a mim próprio e à opinião alheia. Agora, se em todo esse caso eu não tomei a iniciativa a vosso respeito, se apenas respondo, é que teria sido preciso falar de mim e associar meu nome a um evento pelo qual me sinto feliz, sem dúvida, e que outros se têm dignado considerar como um sucesso.

“Hoje me sinto mais livre e é do mais profundo de meu coração que vos peço, senhor e caro mestre, aceitar a homenagem de meu reconhecimento, de minha simpatia e de minha mais distinta consideração.”

T. Jaubert,

Vice-Presidente do Tribunal de Carcassonne

A abundância de matérias nos força a adiar para o próximo número nossa *segunda carta ao Sr. Vigário Marouzeau*, bem como a resposta à pergunta que nos foi dirigida sobre a distinção a fazer entre *expição e prova*.

Allan Kardec